



C0062647A

CÂMARA DOS DEPUTADOS

PROJETO DE LEI N.º 6.703, DE 2016

(Do Sr. Chico D'Angelo)

Inscreve o nome de Dom Paulo Evaristo Arns no Livro dos Heróis da Pátria.

DESPACHO:

ÀS COMISSÕES DE:

CULTURA E

CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE CIDADANIA (ART. 54 RICD)

APRECIAÇÃO:

Proposição Sujeita à Apreciação Conclusiva pelas Comissões - Art. 24 II

PUBLICAÇÃO INICIAL

Art. 137, caput - RICD

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º. Será inscrito no Livro dos Heróis da Pátria, que se encontra no Panteão da Liberdade e da Democracia, o nome de Dom Paulo Evaristo Arns.

Art.2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

Dom Paulo Evaristo Arns é uma referência de vida para todos os democratas brasileiros. Seu falecimento nesse dia 14 de dezembro de 2016, vítima de uma broncopneumonia, aos 95 anos de idade, impactou e entristeceu a sociedade brasileira. Para todos os que defendemos as liberdades democráticas não há dúvidas que Dom Paulo Evaristo Arns foi um Herói da Pátria.

O cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, foi uma das pessoas mais importantes da Igreja Católica e da sociedade brasileiras em nossa história recente, reconhecido, sobretudo, por ter dedicado sua vida inteira em defesa dos direitos humanos no país.

A morte de Dom Evaristo Arns causou imensa comoção nos mais diferentes grupos sociais pelo seu papel decisivo na história da democracia brasileira. Podemos dizer que sem a atuação firme, generosa e solidária do Cardeal da Esperança, provavelmente, o caminho que nos levou à saída das trevas da ditadura de 1964 teria sido mais longo, mais duro e com mais vitimados pelo arbítrio.

Dom Paulo, com 71 anos de sacerdócio, foi uma personalidade integradora e conseguiu congregar em torno de si e de suas causas pessoas e organizações que iam muito além de crenças religiosas. Foi um dos principais nomes na luta contra a ditadura civil-militar (1964-1985) e um militante ardoroso a favor do voto popular nas Diretas Já. Aliás, sua sabedoria jamais deveria ter sido esquecida em nosso país: não há solução fora da democracia e sem o respeito ao voto dado nas urnas. O cardeal Evaristo lutou a vida toda pelo pacífico empoderamento do povo através do voto e das garantias constitucionais.

Por conta de sua luta pelos direitos humanos e por sua atuação incansável na defesa dos pobres ficou justamente conhecido como o "cardeal da esperança". Um trabalho em defesa dos mais pobres que começou como vigário na cidade de Petrópolis e jamais parou. Por essa sua atuação em defesa dos oprimidos recebeu diversos outros epítetos, tendo sido chamado de cardeal da liberdade, bispo dos oprimidos, cardeal dos trabalhadores, bispo dos presos, bom pastor, cardeal da cidadania, guardião dos direitos humanos e tantos outros. Entretanto, como bom Franciscano, Dom Paulo disse ao final da vida que gostaria de ser lembrado como um "amigo do povo". O povo brasileiro teve poucos amigos tão bons e leais como ele.

O religioso subiu morros, frequentou favelas, incursionou pelas periferias e enfrentou os generais da ditadura para dar proteção a perseguidos políticos —de religiosos a operários, de advogados a jornalistas. Dom Paulo Evaristo Arns sempre esteve ao lado de todos aqueles que mais precisam de ajuda.

Um dos fatos mais simbólicos dessa trajetória de vida ímpar foi o ato ecumênico que Dom Paulo comandou na Catedral da Sé, em 1975, quando do infame assassinato nos porões da ditadura do jornalista Vladimir Herzog. Aquele ato generoso em memória do jornalista vitimado reunir milhares de pessoas e foi um dos primeiros grandes atos que demonstravam que a sociedade brasileira estava cansada do arbítrio e do terrorismo de Estado.

Durante a ditadura, chegou a ser fichado no Departamento de Ordem Política e Social (Dops) em 1979. Em 1985, o cardeal criou a Pastoral da Infância com o apoio da irmã Zilda Arns, que morreu no Haiti, onde realizada trabalhos humanitários, vítima do forte terremoto que destruiu parte do país em 2010. Arns também foi o fundador, ao lado do pastor presbiteriano Jaime Wright, do projeto Brasil: Nunca Mais, que reuniu documentos oficiais sobre o uso da tortura no Brasil.

Foi um homem que jamais se deixou seduzir pelo encanto dos palácios e dos poderes. À frente da Igreja de São Paulo, aplicou ensinamentos do Concílio Vaticano 2º e transformou em ações concretas a opção preferencial pelos pobres afirmada na Conferência Episcopal de Medellín, Colômbia, em 1968. Começou a gestão vendendo o imponente palácio episcopal. Com o dinheiro, comprou terrenos em bairros populares para construir centros comunitários e instalações religiosas modestas, dando início à "Operação Periferia". Jogou os costumes principescos de seus antecessores pela janela. Surpreendeu os religiosos que o serviram na Cúria paulista ao sentar-se com eles às refeições. Era um homem culto e de hábitos simples.

Na mais recente homenagem à sua trajetória política, pela passagem de seu 95º aniversário, foi referido por Dom Angélico Sândalo Bernardino como "o rosto da periferia de São Paulo". "Ele é ecumênico, coração aberto, anunciando a urgência de resistirmos contra toda mentira, contra toda impostura. Naquele tempo, contra a ditadura civil-militar. E essa resistência, a que ele nos convida, é permanente no Brasil atual", disse o bispo da diocese de Blumenau.

João Pedro Stédile, coordenador nacional do Movimento Sem Terra, afirmou que sem ele os movimentos sociais careceriam de referência. "A maioria dos movimentos que hoje existe, MST, MAB [Movimento dos Atingidos por Barragens], Movimento dos Pequenos Agricultores, Comissão Pastoral da Terra, Cimi [Conselho Indigenista Missionário], nascemos orientados por vossa sabedoria, que pregava: em tempos de ditadura, deus só ajuda quem se organiza. Então fomos nos organizar. Queremos agradecer de coração por tudo que o senhor fez nesses 95 anos, sobretudo porque o senhor ajudou a acabar com a ditadura militar no Brasil", disse Stédile.

Isso demonstra a relevância de Dom Paulo Evaristo Arns para a formação dos movimentos sociais brasileiros que foram responsáveis para que o Brasil pudesse, durante a Nova República, especialmente durante os anos de 2003 e 2016, com as presidências de Lula e Dilma, construir políticas públicas que atenderam a milhões de brasileiros, tirando-os da situação de miséria em que se encontravam.

Como reconhecimento por sua obra humanitária, Dom Paulo recebeu vários prêmios no Brasil e no exterior, como o Prêmio Nansen do Alto Comissariado da ONU para Refugiados (Acnur), o Prêmio Niwano da Paz (Japão), e o Prêmio Internacional Letelier-Moffitt de Direitos Humanos (EUA). Em outubro de 2012, o jornalista Ricardo Carvalho lançou a biografia “O cardeal da resistência – As muitas vidas de dom Paulo Evaristo Arns”.

Não há dúvida de que essa trajetória de vida marcada pelo amor aos melhores valores do cristianismo, como um campeão da democracia, da justiça e dos direitos humanos merece ser reconhecida com a inscrição do nome de Dom Paulo Evaristo Arns no Livro dos Heróis da Pátria. Trata-se de justa homenagem e que aponta para a sociedade brasileira um exemplo de vida a ser lembrado e seguido.

Diante do exposto peço o apoio dos colegas para a aprovação desse projeto.

14 de dezembro de 2016.

Deputado CHICO D'ANGELO

(PT/RJ)

FIM DO DOCUMENTO